

A CIDADE QUE NOS ATRAVESSA: O COTIDIANO DE SEIS MULHERES E SUAS MÚLTIPLAS DIREÇÕES

Cláudia Zanatta / UFRGS

Márcia Braga / UFRGS

Viviane Gueller / UFRGS

RESUMO

A partir de deslocamentos na cidade de Porto Alegre, três artistas-pesquisadoras apresentam no presente texto uma narrativa fruto do cruzamento dos seus olhares com o de outras seis mulheres sobre o contexto urbano. A partir deste encontro, são tecidas relações de modo poético entre arte, cidade, gênero, condição social e deslocamento. Tais relações são oriundas de um trabalho participativo por meio do vídeo, o qual permitiu a reflexão acerca do modo tanto objetivo como subjetivo de habitar e construir uma cidade na contemporaneidade.

PALAVRAS-CHAVE

Cidade; percurso; mulheres; arte; vídeo.

ABSTRACT

Based on displacements in the city of Porto Alegre, three artists-researchers present in this article an outcome narrative of the intersection of their look with six other women on the urban context. From this encounter, poetical relations are made between art, city, gender, social condition and displacement. These relationships rise from a participative work through video, which allowed the reflection about the objective and subjective way of inhabiting and building a city in contemporary times.

KEYWORDS

City; route; women; art; video.

Este artigo apresenta as reflexões suscitadas e as relações estabelecidas no encontro entre três artistas-pesquisadoras e seis mulheres da Vila Renascença, em Porto Alegre. Para tanto, o assunto é abordado por meio da narrativa reflexiva, um estilo capaz de resgatar a memória das experiências vividas e reconfigurar sentidos que se cruzam muitas vezes de modo fragmentário no cotidiano das cidades contemporâneas¹. Ao longo do texto, a partir de uma proposta artística são tecidas relações entre cidade, gênero, condição social e deslocamento. As reflexões são oriundas de um trabalho participativo por meio do vídeo, o qual permitiu um acercamento a modos tanto objetivos como subjetivos de habitar e construir uma cidade na contemporaneidade.

Talia, Thainá, Carol, Raissa, Kauane e Janine vivem na Vila Renascença I, vila de moradias populares em Porto Alegre. São mulheres adolescentes, têm entre 11 e 18 anos. No ano de 2016 encontramos-nos periodicamente com elas, conversamos e nos conhecemos ao longo dos percursos que fizemos por Porto Alegre. Nós, que escrevemos esse texto, somos mulheres com idade em torno de 40 anos, trabalhamos no campo da arte e pesquisamos dinâmicas urbanas, especialmente aquelas relacionadas à vida cotidiana de seus habitantes. Em 2016, desenvolvemos conjuntamente um projeto intitulado *Porto Alegre-Tijuana: mulheres olhando seu cotidiano e além dele*². A partir de uma metodologia participativa, este projeto teve como principal objetivo fomentar a produção de narrativas de modo a mostrar a vida cotidiana de mulheres residentes em bairros de baixa renda nas duas cidades.

Embora a cidade que as três autoras deste artigo trilham pareça ser a mesma Porto Alegre das seis meninas, é também outra bem diferente em muitos aspectos da vivência delas. As meninas da Vila Renascença I saem para caminhar por uma cidade a partir de uma vila de baixa renda, com urbanização precária. As três artistas-pesquisadoras partem de bairros urbanizados, convivem com o conceito de deriva, *flanerie*, deambulação e psicogeografia; estudam Henri Lefebvre, Guy Debord e Paola Berenstein Jacques. Mesmo que não se fale disto nas caminhadas, vemos uma cidade mediada pelos óculos destes teóricos e conceitos que nos ajudam (ajudam?) a pensar a cidade. Quanto ao contexto das meninas, elas se tornaram mães assumindo responsabilidades pesadas demais para quem ainda quer brincar. A maioria delas deixou de estudar e está em busca de trabalho. Talvez

BRAGA, Márcia; GUELLER, Viviane; ZANATTA, Cláudia. A cidade que nos atravessa: o cotidiano de seis mulheres e suas múltiplas direções, In Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas, 26o, 2017, Campinas. *Anais do 26o Encontro da Anpap*. Campinas: Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 2017. p.1392-1404.

seja por curiosidade, mas também porque dispõem de algum tempo que elas tenham aceitado o convite para pensarmos em conjunto como gravar um pouco de seu cotidiano em Porto Alegre.

Que tipo de encontro é possível com alguém que tem diferentes referenciais de cidade? Todas no grupo somos mulheres e é nesta condição que nos encontramos e nos (des)entendemos.

Tecendo os encontros

Nosso primeiro encontro com as adolescentes ocorreu em abril de 2016 na biblioteca do Centro Municipal de Cultura Lupicínio Rodrigues, local próximo à Vila Renascença I. Era a primeira vez que as meninas entravam naquele lugar. Nenhuma de nós estava à vontade e buscávamos alguns pontos em comum para iniciar um diálogo. A realidade que elas nos trouxeram nós já imaginávamos: são meninas que assumiram muitas responsabilidades prematuramente na vida (desde crianças auxiliam no cuidado de irmãos menores, nas tarefas diárias, mediam e enfrentam conflitos ligados à violência doméstica). Uma delas está grávida; em princípio parece indiferente, mas à medida que a conversa flui, suas mãos percorrem a barriga, reconhecendo aquele novo corpo. As amigas estão eufóricas com o bebê que virá. São mais jovens, vivem o presente com alegria, mostram de um jeito bem particular a esperança em um futuro melhor.

O futuro dos nossos encontros, este sim, não sabíamos como seria. Precisávamos construí-lo de alguma maneira em meio a sensibilidades diferentes e linguagens próprias. Quais poderiam ser nossos pontos de contato? Muitas perguntas se fizeram presentes já no início do projeto e passaram a balizar nossas ações: que tipo de diálogo seria possível a partir de distintos referenciais de cidade? Qual a cidade que nós mostrávamos? Como nos mostrávamos na cidade? Como a cidade se mostrava para nós? Como nos deslocávamos diariamente pela cidade? Foi para nos aproximarmos destas perguntas (e talvez respondê-las) que nasceu o desejo de percorrermos conjuntamente alguns lugares de Porto Alegre e gravar em vídeo estes percursos.

Nas atividades com as meninas, ignoramos qual é a Porto Alegre delas e vice-versa. Embora tenhamos presente que há diferenças no ponto de partida, lembramos do

que o filósofo francês Jacques Rancière adverte no livro *O espectador emancipado*³, a necessidade de transpormos preconceitos e ir do que já se sabe em direção ao que se ignora, estabelecendo relações que sejam cruzamentos entre essas duas instâncias. Diz Rancière que uma vez aprendido o que antes se ignorava, passa-se melhor a praticar a arte de traduzir, a arte de colocar as experiências em palavras e de traduzir as traduções que nos são apresentadas. No projeto com as meninas, partimos de diferenças em relação à entrada em uma cidade, diferenças culturais, econômicas e de acesso ao território. A partir disso, nos perguntamos por qual espectro de cidade nos deslocaremos juntas.

Foram os relatos das meninas sobre os percursos que faziam cotidianamente (para visitar a avó distante, para levar o irmão no posto de saúde ou o lanche para o pai na madrugada) somados às nossas vivências de cidade que nos levaram a criar uma metodologia experimental de trabalho. Ela consistiu em escolher lugares de Porto Alegre e decidir como chegar juntas neles (se de ônibus, a pé); conversar nos trajetos, registrar em vídeo o que era visto, o que era falado, o que interessava, o conhecido e o desconhecido. A escolha por gravar e registrar nossas conversas e percursos respondia a uma condição de trabalho que envolvia um processo de aprendizagem ao mesmo tempo em que nos possibilitava tecer uma trama capaz de manter-se no tempo do depois, no tempo que nos permita olhar, escutar novamente, reencontrar, encontrar algum nexos nesta nossa vida que forma uma cidade. Assim, as perguntas que tínhamos apontado inicialmente, dada a natureza processual da metodologia escolhida, foram enfocadas e abriram caminhos para a reflexão a partir de um deslocar-se partilhado pela cidade.

Saídas de campo

O primeiro dia de passeio em conjunto é feito no ônibus turístico de Porto Alegre. O trajeto é marcado pelo parque que as seis adolescentes não frequentam, por uma rua pela qual nunca passaram e por um museu que gostariam de visitar. Essa Porto Alegre nos é conhecida. Circulamos por ela frequentemente e, de tanto vê-la, talvez tenhamos perdido a curiosidade em redescobri-la. O ônibus turístico é escolha reveladora da vontade de termos ainda um outro olho que mira a cidade do alto, de um veículo em trânsito que aponta o que uma certa concepção de cidade entende como importante mostrar em Porto Alegre. A cidade que se quer mostrar ao que não

a habita. O ônibus turístico não passa pela vila das meninas, tampouco pelo edifício no qual trabalhamos e estudamos. Supostamente, não há nada de interessante para que o olhar de um visitante se detenha nestes lugares. E, no entanto, durante o percurso, a antiga fábrica da cerveja Brahma, onde hoje funciona um shopping, e o Parque Moinhos de Vento, o “Parcão”, chamam à atenção das meninas; embora soubessem da existência dos dois lugares, nos dizem que não conheciam nem imaginavam que pudessem ser tão interessantes, especialmente vistos do alto. Na Praça da Matriz, surpreendemo-nos com a deusa da justiça Themis na fachada do Palácio da Justiça⁴. Ao contrário de muitas representações da deusa da justiça de olhos vendados e portando uma balança, esta Themis tem os olhos abertos e segura uma espada nas mãos. Do alto da fachada, parece observar o que se passa no entorno. Perguntamo-nos como é possível que nunca tenhamos percebido tais “detalhes” nas tantas vezes em que neste local estivemos.

As meninas já haviam feito o passeio no ônibus turístico quando crianças. Assim, por meio de conversas, frases soltas urdidas na trama possibilitada pelo percurso, vamos nos conhecendo e nos aproximando da vida e da relação que cada uma de nós tem com a cidade. Já nesse primeiro encontro, reconhecemos uma metodologia de aproximação que surge a partir de conversas fiadas em meio aos deslocamentos.



Figura 1. Meninas da Vila Renascença em percursos por Porto Alegre: passeio no ônibus turístico.
Foto das autoras.

No segundo dia de encontro vamos ao Parque Farroupilha, conhecido popularmente como Redenção. Entramos no parque pelo Monumento ao Expedicionário, arco em homenagem aos pracinhas que lutaram na II Guerra Mundial. A partir dali, andamos sem um rumo específico e deixamos o acaso determinar os caminhos a serem traçados durante os percursos. E aqui lembramos de algumas metodologias dos situacionistas⁵ de acercamento ao território urbano e “derivamos” pelos lugares. Também a errância⁶ que para nós é uma metodologia incorporada em nossas práticas de trabalho, passa a ser para as meninas uma possibilidade de sair de casa, do ambiente doméstico no qual estão sempre desempenhando uma função. Dispomos de tempo e, portanto, andamos devagar.

Com a câmera sempre ligada, filmamos e conversamos incessantemente. Tudo é motivo para comentário, a poça d’água, o recanto oriental, a estátua do Buda. As imagens durante quase todo o tempo coincidem com a audiodescrição – exceto pelo estado de espírito que emerge espontâneo e que a câmera mal consegue enquadrar: o momento em que uma delas avista um trenzinho que circula pelo parque. Sua fala sinaliza o espanto que somente o ineditismo de um primeiro contato pode gerar. A experiência traz para nós o parque de volta à sua condição de lugar público. Encontro, Redenção e Renascença.



Figura 2. Meninas da Vila Renascença em percurso por Porto Alegre: a caminho do Centro de Saúde. Fotos das autoras.

Em outro dia vamos ao Centro de Saúde, o “Postão”. O percurso surge ao acaso, é um dos poucos dias em que todas as meninas aparecem no nosso ponto de encontro habitual, mas Carol avisa que não poderá nos acompanhar - por conta da gravidez, tem consulta marcada em seguida. Olhamos no relógio, restam ainda quarenta minutos durante os quais propomos acompanhá-la neste trajeto. Chegamos no Centro de Saúde em tempo, Carol está sorridente, a câmera em punho meio enviesada segue capturando suas impressões. Perguntamos como foi a experiência da caminhada, que sensações vieram à tona. Ela nos conta que (re)fazer este percurso supostamente já conhecido - mais lenta e atentamente - por onde outras tantas vezes teve de percorrer com pressa para ser atendida, fez com que analisasse mais as coisas, algo a que não estava habituada. E aqui encontramos pontos de contato entre todas, pois não ter muito tempo para nos determos para observar nosso cotidiano, o que já faz parte de nossa vida como algo automático, é algo que partilhamos. Prestar atenção ao que é considerado banal (nossos deslocamentos pela cidade, seus sons, ruídos, recantos, cheiros, luzes e sombras) torna-se cada vez mais raro.

Há também uma sensação de insuficiência, de experiências de cidade vinculadas tão umbilicalmente ao contexto e à biografia de cada uma que não são possíveis de acessar. Por isto a experiência de nos deslocarmos juntas: mesmo trajeto trilhado por cada uma em um ritmo próprio. Uma levando na barriga um novo habitante que ainda não chegou à cidade. Como será a vida deste pequeno cidadão em Porto Alegre? Que cidade ele ajudará a formar? Que caminhos irá trilhar?

Conforme combinado, vamos filmando tudo que queremos, que nos chama atenção, o que descobrimos. À medida que os encontros acontecem, exploramos os recursos das câmeras dos telefones celulares, da câmera compacta, de outra com mais recursos e por fim, os de uma câmera profissional. Escolhemos então conhecer o Vila Flores⁷, um centro de cultura e negócios localizado no chamado 4º Distrito de Porto Alegre. Desta vez nos deslocamos até lá de carro. Sempre com a câmara na mão, em movimento, as gravações refletiram o que cada uma julgou importante evidenciar mediante seu olhar, indicando um entendimento da cidade.



Figura 3. Meninas da Vila Renascença conhecendo o Vila Flores. Foto das autoras.

A câmera foi um olho que percorreu as ruas, selecionando o que gravar a partir de distintas sensibilidades. Também gerou um tempo lento, atento ao momento

presente. Ficaram implícitas nas gravações algumas preocupações com o futuro, desejos e também a experiência de andar por lugares desconhecidos, que nos atraíram ou não. Muitos desses aspectos foram indicados de modo subjetivo, em conversas, mas também de modo não verbal por meio de gestos, posturas corporais, brilho dos olhos, interesse ou desânimo em relação a temas de nossa vida cotidiana na cidade.

Reflexões a partir do trabalho de campo

Todas temos rotas próprias e vivemos a intensidade e efemeridade do movimento urbano. Através dos deslocamentos fomos descobrindo que uma cidade que nos é muito próxima se torna diferente pelo olhar e ritmo do andar do outro. Como um grupo, muitas vezes nos deslocávamos na mesma velocidade (distinta da dos outros caminhantes) e tínhamos a sensação de que formávamos um corpo. Seguíamos o fluxo da cidade, mas é como se algo orgânico gerasse um pulsar diferente pelo simples fato de nos deslocarmos juntas. Notamos que foi criado um ponto de contato que não passou pelas palavras nem pelas imagens. Notamos que havíamos criado um ponto de contato que não passou pelas palavras nem pelas imagens, mas que tinha potência para sustentar nossos encontros.

Percebemos que o ponto de partida em relação aos percursos é importante e que a desigualdade econômica é determinante não somente no que se relaciona ao acesso à cidade, mas definidora, em muitos aspectos, do uso e percepção do território. Perguntamo-nos por qual espectro de cidade caminhamos a partir destas diferenças e vemos que cada uma, oriunda de diferentes contextos, tem seu mapa da cidade, seus percursos ligados também a uma condição social, cultural. Verificamos que uma mobilidade diretamente relacionada a recursos econômicos -se vamos de ônibus, a pé, de carro- ou seja, que situações urbanas ordinárias condicionam não somente a velocidade com que um percurso é realizado, mas também o que e desde que ângulo é visto e vivenciado. Portanto, são situações definidoras de uma dada apreensão da cidade e acabam determinando limites e também excluindo espaços. Se nos deslocamos velozmente, por exemplo, percebendo a urbe por meio de janelas como as do ônibus, do carro, a paisagem é vista sem densidade, como uma tela, um cenário que desliza. Já se realizamos os percursos caminhando notamos que esse palmilhar da cidade e a experiência

corporal de estarmos presentes no trajeto parece se intensificar, passando a ser algo tátil, onde não há um dentro e um fora; sentimos que estamos em meio, não como observadoras.

Nos anos 1980, em seu livro *A invenção do cotidiano*, o filósofo Michel de Certeau estabeleceu um contraponto entre observadores e caminhantes, sendo os primeiros privados do contato direto com a cidade, não se deixando envolver pelas ruas e intensidades da urbe. Para Certeau, justamente uma das situações que tornava um espaço urbano praticado era o caminhar de seus habitantes⁸. O caminhar transformava a própria urbe, sugerindo apropriações do espaço e dinâmicas que, muitas vezes, reconfiguravam e flexibilizavam a rigidez da urbe planejada. Nos anos 1990, em seu livro *Carne e Pedra*⁹, o historiador Richard Sennett reforça as afirmações de Certeau ao chamar a atenção para a atual priorização de um modelo veloz ligado a uma ideia de cidade produtivista. O deslocamento rápido, especialmente em transporte público (como o dos metrô, por exemplo) seria pensado para levar o trabalhador de seu domicílio ao seu lugar de trabalho no menor tempo possível, sem nenhuma apreciação do trajeto. Ou seja, um percurso a ser realizado, não vivenciado. Segundo Sennett, nas atuais grandes cidades teríamos cada vez menos espaços para simplesmente “ficar”, para o desfrute do tempo lento, para o encontro com o outro, sem nada consumir.

Atualmente no Brasil, investigadores de diferentes campos do conhecimento – tais como a psicoterapeuta Suely Rolnick e a arquiteta Paola Berenstein Jacques – desenvolvem pesquisas que relacionam corpo e cidade. Um dos aspectos compartilhado por essas teóricas é o de que a crescente espetacularização da cidade está diretamente ligada à perda da experiência corporal nas metrópoles contemporâneas e que o corpo seria um lugar de resistência a esse fenômeno. Jacques, por exemplo, a partir da constatação da crescente espetacularização das cidades, chama a atenção para a possibilidade de a experiência corporal poder atuar como um fator de micro-resistência em espaços urbanos que foram transformados em cenários homogeneizados e, portanto desvitalizados¹⁰. O corpo seria, portanto, um *locus* de potência capaz de criar fissuras na cidade-espetáculo, além de ser a referência fundamental para se pensar e planejar o espaço urbano.

À guisa de conclusão

Retomando as perguntas iniciais apresentadas neste artigo: “que tipo de diálogo seria possível a partir de distintos referenciais de cidade? Qual a cidade que nós mostrávamos? Como nos mostrávamos na cidade? Como a cidade se mostrava para nós? Como nos deslocávamos diariamente pela cidade?”, podemos indicar que um encontro como o tratado nesse texto oportunizou que o próprio construir processual de uma experiência participativa envolvendo um grupo heterogêneo, com diferentes referenciais, fosse extremamente enriquecedor no sentido de buscarmos ritmos em comum, pontos de contato para adentrarmos na cidade.

Ao perceber como o outro se relacionava com a metrópole, reavivamos o entendimento de que uma cidade é constituída de muitas outras, tão infinitas e diversas quanto são seus habitantes. Novas associações entre o que constitui o urbano foram feitas pelo olhar e por uma escuta renovadas pela presença do outro. Foi justamente essa presença que deixou sublinhado que uma cidade nunca é genérica, posto que ela é feita e refeita diariamente, ou como diária Certeau, “praticada” por seus habitantes. E que espaços para serem de fato públicos precisam de um ato ativo de apropriação pela vivência, pela presença de seus habitantes. Assim, um simples andar atento em conjunto pela malha urbana pode servir como um modo de reinvenção dos espaços, gerar novos itinerários, muitos deles subjetivos, posto que surgem da ressignificação das memórias provenientes dos lugares que percorremos cotidianamente, muitas vezes já sem notá-los.

Notas

¹ Segundo Galvão, quando se trata de narrativas, a linguagem apresenta três componentes: a história – os personagens envolvidos em determinados acontecimentos; o discurso – modo como se narra; a significação – a interpretação a partir do que é narrado e do discurso. Nesta escrita, buscaremos tecer os fios destas três instâncias para nos aproximarmos do que foi desenvolvido no projeto pelo grupo de Porto Alegre. Aprofundamento sobre o uso da narrativa reflexiva é encontrado em: Galvão, C. *Narrativas em Educação*. Ciência e Educação, v. 11, n. 2, pp. 327-345, 2005.

² O projeto foi financiado pela rede Iberoamericana IberCultura Viva e gerado no escopo de uma rede colaborativa existente entre os grupos de pesquisa Cidadania e Arte (UFRGS, Brasil) e Imagen y Creación (UABC, México). A rede vem trabalhando em colaboração desde 2014, tendo como foco o estudo de metodologias de pesquisa em arte urbana. Mais informações sobre a rede Iberoamericana IberCultura Viva em: <http://iberculturaviva.org/>. Detalhamento sobre as atividades em colaboração de Cidadania e Arte e Imagen y Creación podem ser acessadas em: <http://paralelos28e30.wix.com/arte>.

³ RANCIÈRE, Jacques. *O espectador emancipado*. São Paulo: Editora WMF. Martins Fontes, 2012.

⁴ A escultura da deusa Themis foi desenhada e executada pelo artista e arquiteto Carlos Maximiliano Fayet (1930 - 2007), mede nove metros de comprimento e foi realizada em bronze. Desde o ano de 2005, ocupa a fachada principal do Palácio da Justiça de Porto Alegre, edifício projetado pelo mesmo arquiteto.

⁵ Em suas ações, os situacionistas se valeram de procedimentos para acercar-se e investigar o ambiente urbano. Um destes procedimentos criado por Guy Debord foi denominado deriva urbana e implicava em deslocamentos nos quais não havia rotas definidas. Nesta dinâmica, o passeante deixava-se guiar pelo acaso ao percorrer as ruas das cidades. No artigo que aqui desenvolvemos, temos presente que o contexto no qual as pesquisas situacionistas foram realizadas tem muito distanciamento do contexto do projeto aqui tratado, pois eles não consideravam condições de desigualdade econômica como determinantes ao acesso à cidade e definidora, em muitos aspectos, do uso, propriedade e percepção do território, dos diversos lugares que constituem uma cidade. Para acessar os principais artigos referentes ao pensamento Situacionista sobre a cidade indicamos: *Internacional Situacionista – Deriva, Psicogeografia e Urbanismo Unitário*. Ed. Deriva, Porto Alegre, 2010.

⁶ A partir de Paola Berenstein Jacques, entendemos as errâncias urbanas como forma de praticar a cidade e de apropriar-se do espaço público. Segundo Jacques, "o simples ato de andar pela cidade pode assim se tornar uma crítica ao urbanismo enquanto disciplina prática de intervenção nas cidades. Essa crítica pode ser vista tantos nos textos quanto nas imagens produzidas por artistas errantes a partir de suas experiências do andar pela cidade" (JACQUES, 2005, p.6).

⁷ O Vila Flores é uma casa colaborativa que reúne profissionais da indústria criativa em torno a um projeto de desenvolvimento integral que envolve a sustentabilidade dos negócios locais e o entorno urbano imediato. Para mais informações consultar: <https://vilaflores.wordpress.com/about/>

⁸ Para Certeau, são as dinâmicas cotidianas geradas pelos diferentes usos que tornam um lugar ou espaço praticados. CERTEAU, Michel de. *L'invention du quotidien*. Paris: Gallimard, 1990.

⁹ SENNETT, Richard. *Carne e pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental*. Tradução de Marcos Aarão Reis. 3 ed., Rio de Janeiro, Record, 2003.

¹⁰ JACQUES, Paola Berenstein. Zonas de Tensão: em busca de micro-resistências urbanas. Em: Fabiana Dultra Britto; Paola Berenstein Jacques (Orgs.). *Corpocidade: Debates, ações e articulações*. Salvador: EDUFBA, 2010. e Jacques, Paola Berenstein. *Corpografias urbanas*. 08, fev. 2008. Disponível online em: Revista Vitruvius: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/08.093/165>, acesso em 10-04-2017.

Referências Bibliográficas

BARREIRO, Ana Martínez. *La construcción social del cuerpo en las sociedades contemporáneas*. Universidad de A Coruña. Departamento de Sociología y Ciencia Política y de la Administración, 2004. Disponível em: <http://www.raco.cat/index.php/Papers/article/download/25787/25621>. Consultado em 10 de maio de 2017.

CERTEAU, Michel de. *L'invention du quotidien*. Paris: Gallimard, 1990.

DAVILA, T. *Marchée Créer, Déplacements, flâneries, dérives dans l'art de la fin du XXe siècle*. Paris: Editions du Regard, 2002.

DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Lisboa: Ed. Antígona, 2012.

GALVÃO, C. *Narrativas em Educação*. Ciência e Educação. v. 11, n. 2, pp. 327-345, Unesp: 2005.

JACQUES, Paola Berenstein. *Apologia da Deriva: escritos situacionistas sobre a cidade*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

_____. *Corpografias urbanas*. 08, fev. 2008. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/08.093/165>. Consultado em 10 de abril de 2017.

_____. *Errâncias urbanas: a arte de andar pela cidade*. Salvador: EDUFBA, 2005. Disponível em:

https://www.ufrgs.br/propar/publicacoes/.../7/7_Paola%20Berenstein%20Jacques.pdf.

Consultado em 20 de maio de 2017.

_____. *Zonas de Tensão: em busca de micro-resistências urbanas*. Em: Fabiana Dultra Britto; Paola Berenstein Jacques (Orgs.). *Corpocidade: Debates, ações e articulações*. Salvador: EDUFBA, 2010.

LÉFÈVRE, Henri. *O direito à cidade*. São Paulo: Centauro, 2001.

PORTO ALEGRE-TIJUANA. *Mulheres olhando seu cotidiano e além dele*. Disponível em: <http://portotijuana.wixsite.com/mulheres>

RANCIÈRE, Jacques. *O espectador emancipado*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.

SENNETT, Richard. *Carne e pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental*. Tradução de Marcos Aarão Reis. 3 ed., Rio de Janeiro, Record, 2003.

Cláudia Vicari Zanatta

Artista. Professora do Departamento de Artes Visuais/IA/UFRGS e do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais. Possui doutorado em Arte Público y Poéticas Visuais - Universidad Politécnica de Valencia (Espanha) e UFRGS (co-tutela). É líder do Grupo de Pesquisa CNPq Arte pública participativa: articulação entre poética e cidadania, onde desenvolve a pesquisa Poéticas da Participação. É membro da Associação Nacional dos Pesquisadores em Artes Plásticas.

Viviane Gueller

Doutoranda pelo PPGAV/UFRGS (2016-) e mestre em Poéticas Visuais (2014) na mesma instituição. Foi premiada pelo Programa Rede Nacional Funarte Artes Visuais 11ª edição (2015) e indicada ao VIII Prêmio Açorianos de Artes Plásticas (2014). Em 2012, participou da Mobile Radio da 30ª Bienal de São Paulo. Foi selecionada para o 58º Salão de Abril, 29º Salão do Pará e II e VIII Prêmio Diário Contemporâneo de Fotografia e premiada no 16º Salão da Câmara Municipal de Porto Alegre. Possui uma obra no acervo do MAC-RS.

Márcia Braga

Mestranda pelo PPGAV/UFRGS (2016-). Bacharel em Artes Visuais (2015) pela mesma instituição. Pós-graduada em Arquitetura, arte e espaço efêmero pela Universidade Politécnica da Cataluña (2000). Arquiteta e Urbanista pela Faculdade de Arquitetura do Instituto Ritter dos Reis (1998). Recebeu o Prêmio Açorianos 2015 e 2013 de Destaque em Cerâmica. É idealizadora e ativadora dos Projetos Vizinhança, Café na Calçada e Simultaneidade e realizadora do Projeto Empty Bowls PoA, todos em Porto Alegre.